



**UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA**

A história e transição democrática de Taiwan

The History and Democratic Transition of Taiwan

Projeto de Graduação

Ciência Política e Relações Internacionais – Estágio e Projeto de Graduação

José Miguel Ribeiro Costa

Orientador:

Prof. Doutor Álvaro Campelo

Julho, 2025

A história e transição democrática de Taiwan

The History and Democratic Transition of Taiwan

Projeto de Graduação

Ciência Política e Relações Internacionais – Estágio e Projeto de Graduação

José Miguel Ribeiro Costa

Orientador:

Prof. Doutor Álvaro Campelo

Agradecimentos

Primeiramente agradeço ao Professor Doutor Álvaro Campelo Martins Pereira, pela sua disponibilidade para me orientar na elaboração deste projeto.

Agradeço também a todos os docentes, profissionais e colegas da Universidade Fernando Pessoa, pelo tempo de interação, aprendizagem e pela boa companhia ao longo de todos os três anos de licenciatura.

Há minha família, obrigado por todo o amor, paciência e apoio que sempre me deram. A sua presença e o seu incentivo foram essenciais.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Este projeto analisa a história política de Taiwan, desde os seus primeiros Povos indígenas até a sua consolidação como uma das democracias mais desenvolvidas da atualidade. Abordando os diversos períodos de domínio externo – desde as primeiras Potências colonizadoras, passando pela administração da Dinastia Qing e o domínio japonês – bem como o impacto dessas ocupações na formação da identidade nacional taiwanesa. Até ao período pós-Segunda Guerra Mundial, quando Taiwan se tornou refúgio do governo nacionalista da República da China, após a derrota na guerra civil chinesa frente ao Partido Comunista. O regime liderado por Chiang Kai-shek impôs uma longa ditadura sob a ilha, marcada por repressão, censura e a imposição cultural do modelo chinês continental. No entanto, a partir das décadas de 1980 e 1990, Taiwan passou por um processo gradual de abertura política que culminou na realização de eleições diretas e na construção de uma democracia consolidada. O trabalho discute também o atual contexto geopolítico da região do Indo-Pacífico, destacando o papel estratégico de Taiwan no comércio internacional e no momento de transição tecnológica que a economia a nível mundial atravessa. A crescente tensão com a República Popular da China é analisada, assim como a posição ambígua dos Estados Unidos diante de um possível conflito. A democracia taiwanesa foi construída com base na resistência popular, na valorização das liberdades civis e na autodeterminação do povo da ilha. Taiwan representa um caso único de transição democrática no Leste Asiático e a sua história é essencial para compreender os desafios contemporâneos do atual sistema internacional.

Palavras-chave: Taiwan, Transição democrática, Guerra Civil chinesa, autoritarismo, democracia e China.

Abstract

This project analyses the political history of Taiwan, from its first Indigenous Peoples to its consolidation as one of the most developed democracies in current times. Addressing the various periods of external domination – from the first Colonial Powers, through the administration of the Qing Dynasty and Japanese rule – as well as the impact of these occupations on the formation of the Taiwanese national identity. Up to the post-Second World War period, when Taiwan became a refuge for the nationalist government of the Republic of China, after the defeat in the Chinese civil war against the Communist Party. The regime led by Chiang Kai-shek imposed a long dictatorship over the island, marked by repression, censorship, and the cultural imposition of the mainland Chinese model. However, starting from the 1980s and 1990s, Taiwan went through a gradual process of political opening that culminated in the realization of direct elections and the construction of a consolidated democracy. The work also discusses the current geopolitical context of the Indo-Pacific region, highlighting the strategic role of Taiwan in international trade and in the moment of technological transition that the global economy is currently undergoing. The growing tension with the People's Republic of China is analysed, as well as the ambiguous position of the United States in the face of a possible conflict. Taiwanese democracy was built based on popular resistance, the valuing of civil liberties, and the self-determination of the island's people. Taiwan represents a unique case of democratic transition in East Asia, and its history is essential to understanding the contemporary challenges of the current international system.

Key-words: Taiwan, Democratic Transition, Chinese Civil War, Authoritarianism, Democracy and China

Índice Geral

Lista de siglas	13
Introdução	14
1. Povos indígenas, primeiras colonizações e Dinastia Qing	16
1.1 Primórdios da sua Civilização e período anterior a colonização	16
1.2 Contactos com Potências externas e colonização	16
1.3 Desenvolvimentos na China e controlo de Taiwan por forças pró- Ming.....	17
1.4 Controlo Dinastia Qing	19
2. Controlo do Japão à Guerra civil chinesa	22
2.1. Declínio Qing	22
2.2 Primeira Guerra Sino-Japonesa	22
2.3 Colonização japonesa	23
2.4 Reentrada na China	24
3. Governação Nacionalista até à transição democrática	26
3.1 Reações da população taiwanesa e Lei Marcial	26
3.2 Disputa pela legitimidade da China	26
3.3 Direta Governação Nacionalista sob Taiwan	27
3.4 Abertura do Regime	28
3.5 Transição para Democracia	29
Conclusão	32
Referências bibliográficas	35

Lista de siglas

Estados Unidos da América (EUA)

Partido Comunista Chinês (PCC)

Organização das Nações Unidas (ONU)

Assembleia-Geral das Nações Unidas (AGNU)

Introdução

Presenciamos um período de profundas mudanças e transformações no sistema internacional, onde a balança de poder global depois de vários séculos a ser dominada pelos europeus até a Segunda Guerra Mundial. E nas últimas décadas pelos Estados Unidos da América (EUA), como a mais influente, e após a queda do muro de Berlim, o desmembramento e total colapso da URSS e o término da Guerra Fria, a única superpotência do mundo. Tem começado a se mobilizar de um designado “Mundo Ocidental”, há bastante tempo dominante, para outra região do mundo, outrora disputada e colonizada pelas potências europeias, mas que na atualidade desempenha um papel cada vez mais determinante e influente nos rumos e condições da economia mundial e das próprias relações internacionais: o Indo-Pacífico (Parlamento Europeu, 2023)

Nas palavras do Departamento de Estado dos EUA, o Indo-Pacífico é a região “mais dinâmica e com o maior crescimento econômico” de todo o mundo. Tendo mais de 60% da população mundial. Em termos econômicos, corresponde também, a mais de 60% do Produto Interno Bruto e a cerca de 2/3 do crescimento econômico global (Federal Foreign Office, 2023). Rotas comerciais, por onde são transportados bilhões de euros em produtos essenciais para a preservação de vários milhões de postos de trabalho, a subsistência de famílias inteiras e a Segurança Alimentar global, passam diretamente pelas suas águas.

Muitas das principais economias emergentes, que apresentam elevados níveis de crescimento econômico, mas que ainda estão distantes de alcançar o máximo das suas potencialidades – como a Índia, a Indonésia ou as Filipinas por exemplo – situam-se no Indo-Pacífico.

É uma região de grande peso, que não pode ser ignorada e tem atraído uma cada vez maior atenção de Grandes Potências ou Blocos Econômicos que têm nos últimos anos apresentado as suas estratégias para o Indo-Pacífico (National Bureau of Asian Research, 2023). Com um conjunto de objetivos, posições e visões concretas para garantir os seus interesses, reiterando a necessidade de estabilidade, segurança e cooperação na região que possa existir prosperidade.

Estes apelos, de vários Estados, à necessidade de cooperação e estabilidade que beneficiaria toda a Comunidade Internacional, pretendem precisamente responder ao ambiente hostil, tenso, de fortes antagonismos e disputas que se tem vivido na região.

Entre os vários focos de tensão destaca-se um pela sua história de autêntico refúgio de um regime derrotado e deposto numa guerra civil. Que décadas mais tarde, após um longo período de repressão, iniciou a sua transição para uma Democracia. Consolidando-se e funcionando como um dos países mais democráticos do mundo, ainda que a esmagadora maioria dos Estados não o reconheça como um Estado Soberano.

Assumindo um papel de protagonismo na revolução tecnológica que está a transformar por completo a economia internacional. E que está no direto centro da disputa entre as duas maiores Potências Globais: Taiwan.

1. Povos indígenas, primeiras colonizações e Dinastia Qing

1.1 Primórdios da sua Civilização e período anterior à Colonização

Apesar de a história documentada de Taiwan ser de apenas alguns séculos, a ilha foi primeiramente habitada à dezenas de milhares de anos, com as primeiras evidências de presença humana a remontarem a cerca de 30 mil anos atrás.

Há sensivelmente 6 mil anos, acredita-se que talvez oriundos do sudeste da China, dada a proximidade, indígenas dos povos austronésios migraram para Taiwan, expandindo-se pela ilha (Andrew D. Morris, 2004). Os povos indígenas que controlaram a ilha durante os seguintes milénios eram diretos descendentes dos austronésios. Desenvolvendo as suas próprias culturas, tradições, línguas e estruturas sociais.

O legado, costumes, a enorme diversidade e o papel que estes povos indígenas desempenharam em moldar a sua história, continuam a ter grande reconhecimento na cultura e modo de vida de Taiwan dos dias de hoje. O próprio Governo de Taiwan reconhece oficialmente 16 tribos indígenas, cerca de 2,4% da população (BBC, 2024). Concedendo-lhes certos direitos, proteções e um nível limitado de autonomia. Mas ainda existe um debate sobre outras tribos que têm legitimidade e também poderiam ser oficialmente reconhecidas, bem como sobre a necessidade de promover uma maior autonomia a estes povos.

1.2 Contactos com Potências externas e Colonização

Taiwan é separado da China por um estreito que, no seu ponto mais largo, tem 180 km. Mas apesar da proximidade geográfica e das interações que existiram durante séculos entre os indígenas de Taiwan e os chineses, através de comércio e migrações. Taiwan manteve-se fora da esfera de influência da Civilização chinesa e do controlo de outras Potências externas até ao século XVII (Andrew D. Morris, 2004).

Em plena Era dos Descobrimentos, durante o século XVII, navegadores portugueses “descobriram” e documentaram a ilha, chamando-a de ilha Formosa, devido à beleza natural da ilha vista do mar (Andrew D. Morris, 2004). Contudo, os portugueses não pretendiam ocupar ou colonizar a ilha.

A primeira Potência externa a estabelecer presença na Ilha e a colonizá-la foram as Províncias Unidas - ou República Neerlandesa - em 1624 (JY Lai, 2008). A Companhia Holandesa das Índias Orientais, numa altura em que existia uma forte disputa e competição entre as Potências europeias pelo comércio na Ásia, viu Taiwan como uma localização estratégica para consolidar a sua influência e controlar rotas comerciais.

Os espanhóis, neste período também colonizaram o norte de Taiwan, com o mesmo objetivo de garantir os seus interesses comerciais na região (JY Lai, 2008). No contexto da Guerra dos 80 anos, entre as Províncias Unidas e a Espanha, os neerlandeses em 1642 ocuparam por completo a colónia espanhola em Taiwan.

Ainda que nunca tenham colonizado toda a ilha e a sua presença gerou violentas revoltas por parte dos indígenas, os neerlandeses mantiveram-se na ilha Formosa de forma contínua até 1662. Fazendo profundas reformas administrativas, incentivando a imigração de chineses da etnia Han para trabalharem nas plantações, utilizando os seus conhecimentos e técnicas agrícolas para promover uma maior produtividade e desenvolvimento agrícola (Hui-wen Koo, 2015)

Bem como, em conjunto com Espanha, fizeram com que o cristianismo – e no caso específico neerlandês, o Protestantismo – alcançasse Taiwan.

1.3 Desenvolvimentos na China e controlo de Taiwan por forças pró-Ming

Desde 1368 a China era controlada pela Dinastia Ming. Na primeira metade de século XVII, a Dinastia estava em notório declínio com a China mergulhada numa profunda instabilidade social e económica, uma administração marcada por corrupção, sucessivos desastres naturais e uma grande epidemia que entre 1633 e 1644 matou apenas em Pequim, no ano de 1643, cerca de 200 mil pessoas (Chiu et al.,2004)

A fome e miséria em que viviam as vastas comunidades de camponeses chineses, a incapacidade e falta de recursos dos Ming para responder a todos estes problemas sociais e restabelecer a ordem, assim com o estado debilitado em que as forças Ming

estavam, resultaram na progressiva rutura da Dinastia com várias rebeliões de camponeses e a tomada da capital Pequim, em 1644 terminando com séculos de controlo Ming sob a China.

Li Zicheng liderou as forças rebeldes que capturaram Pequim e, mesmo não tendo o controlo sob toda a China, estabeleceu uma nova Dinastia (Shun).

No Noroeste, o Povo “manchus” – que tinha sido unificado à poucas décadas e apenas adotado essa designação em 1635 – já tinha renunciado à Soberania Ming em 1618. Em 1636, Hong Taiji, mudou o nome da sua Dinastia para Qing, elevando-a a Império.

Poucas semanas após estabelecer a sua Dinastia Shun, Zicheng foi derrotado pelas forças Qing, iniciando o período de domínio Qing sob a China que se estendeu até 1912.

Mas o controlo dos Qing não era completo. Tinham apenas o domínio de uma parte do território chinês, enquanto outras fações controlavam outras regiões. O Sul continuava sob a posse de forças leais aos Ming (Ming do Sul como é historicamente descrito). Os Qing teriam de consolidar o seu poder e garantir o controlo do território chinês suprimindo e conquistando todas estas fações.

Zheng Chenggong (Koxinga), foi um general leal ao imperador Ming do Sul e resistiu aos avanços e ofensivas das forças Qing. Impôs notórias derrotas aos Qing, que preocuparam a recém-estabelecida Dinastia e o general apresentava-se como uma ameaça à sua consolidação. No entanto, acabou derrotado em 1659 na sua tentativa de conquistar a cidade de Nanjing.

Sob uma forte pressão Qing, tendo conhecimento das riquezas e da posição estratégica de Taiwan e sabendo que as suas forças poderiam derrotar os neerlandeses, para estabelecer uma base estratégica que pudesse auxiliar a resistência Ming, em 1661 Koxinga invadiu Taiwan. Após meses sob cerco, os neerlandeses renderam-se. Koxinga estabeleceu na ilha o Reino de Tungning (Andrew D. Morris, 2004). Falecendo em 1662, sendo sucedido por seu filho, Zheng Jing.

Depois da derrota e exclusão de Taiwan, os neerlandeses apoiaram e aliaram-se aos Qing contra o Reino de Tungning. Em 1664 recuperaram o controlo de uma fortaleza no norte da ilha. Mantiveram-na até 1668, quando foram forçados a abandonar essa colónia por resistência dos povos indígenas, incentivados por Jing.

Esta marca o final da presença colonial de décadas da Companhia Holandesa das Índias Orientais em Taiwan (*Marco Ramerini, 2014*)

1.4 Controlo da Dinastia Qing de Taiwan

Os Qing mantiveram os seus avanços para expandir o seu controlo. Derrotaram as diversas fações espalhadas pela China, conquistaram os seus territórios e capturaram o imperador dos Ming do Sul em 1662.

Em 1683 invadiram e ocuparam Taiwan, derrotando Zheng Keshuang – neto de Koxinga.

Pela primeira vez em vários milhares de anos de Civilização que a ilha esteve sob controlo chinês (*Andrew D. Norris, 2004*).

Os Qing não demonstraram um grande interesse em Taiwan. O seu objetivo era eliminar os redutos de apoiantes dos Ming na ilha, sem ter a direta ambição de controlá-la. Receando que pudesse se tornar num centro de instabilidade.

Inicialmente Taiwan foi incorporada como um Prefeitura da Província de Fujian - a mais próxima da ilha. E apenas foi elevada ao estatuto de Província na década de 1880.

Foi durante este período de controlo Qing que a população da ilha se tornou maioritariamente chinesa devido aos fluxos migratórios da China Continental, em particular de Fujian.

Os Qing durante períodos da sua Governança, tentaram restringir a emigração chinesa para Taiwan, especialmente da etnia Han – a maior etnia chinesa e também o maior grupo étnico do mundo. Receando que potenciais opositores – como leais ao Ming – fosse para a ilha a fim de organizarem rebeliões que colocassem em causa a sua autoridade. O que o contacto entre comunidades chinesas com os povos indígenas, que continuavam a controlar territórios na ilha, pudessem gerar conflitos e instabilidade.

No entanto, apesar das restrições, as vagas de imigração, sobretudo de chineses Han de Fujian, permaneceram (*Liu Ts'ui-jung, 1998*). No Ocidente da ilha e áreas costeiras as povoações expandiram-se. E a população total teve um exponencial aumento de cerca de 100 mil em 1683 para mais de 2,5 milhões em 1895.

Nos territórios de relevo mais acidentado a leste, as tribos indígenas resistiram ao processo de assimilação, tentando proteger e defender as suas terras históricas e preservar a sua cultura e tradições contra o fluxo de chineses que povoaram a ilha, trazendo a sua própria cultura, tradições, línguas e modos de vida que alteraram por completo a identidade da ilha.

Esta total mudança demográfica deste longo processo de imigração é das principais e mais notórias consequências do controlo Qing sob Taiwan. Na atualidade mais de 95% da população da ilha é de etnia Han (Government of Taiwan, 2025)

Nestes séculos Taiwan também foi marcado por uma forte instabilidade, insurreições e rebeliões contra o domínio Qing e a sua Governação. A frequência destes períodos de violência e tensão fez com que por vezes a ilha fosse referida com a frase “A cada três anos uma revolta, a cada cinco uma rebelião” (Taipei Times, 2018).

2. Controlo do Império do Japão à Guerra Civil Chinesa

2.1 Declínio Qing

Após um período de 135 anos da sua “Era Dourada”, expandindo os seus territórios tornando-se num dos maiores Impérios de sempre, superando os 14 milhões de km². Com um grande crescimento da sua população que no início do século XIX atingiu as 300 milhões de pessoas. A Dinastia Qing começou a entrar em declínio.

Ao longo do século XIX, a China foi marcada por corrupção, problemas socioeconómicos que geraram longos períodos de instabilidade. Violentas rebeliões que demonstraram a incapacidade dos Qing em manter a ordem do Império, colocando a sua autoridade em causa. E por conflitos e humilhantes derrotas com Potências externas, forçando assinatura de tratados desiguais e perdas de territórios (AFE Columbia University, 2005)

2.2 Primeira Guerra Sino-japonesa.

Uma das Potências com quem a China teve sérias hostilidades neste Período foi o Império do Japão.

Após séculos de uma política de isolamento, na segunda metade do século XIX o Japão começou a abrir-se perante o Ocidente, iniciando um processo de modernização da sua economia e de industrialização, abandonando o seu sistema feudal.

A sua rápida e bem-sucedida transição fez com que o Japão emergisse como uma Grande Potência económica e militar. Uma tendência que contrastava por completo com o declínio da China.

Em 1894, por disputas sobre a Península da Coreia, começou a primeira Guerra Sino-japonesa. A superioridade das forças japonesas era evidente e a China acabou por ser derrotada. No tratado de Shimonoseki de 1895, que marca o fim do conflito, entre as várias cedências chinesas, Taiwan que desde o século XVII estava sob o controlo Qing passou a ser uma colónia japonesa pelos próximos 50 anos (Andrew D. Norris, 2004).

2.3 Colonização japonesa

Como um Estado que em poucas décadas tinha conseguido reformar-se estruturalmente e feito uma notória transição para uma Nação industrializada e moderna, recuperando o seu atraso e se tornado numa Grande Potência.

O Japão pretendia promover um grande desenvolvimento e melhoramento da qualidade de vida em Taiwan, para demonstrar a sua capacidade de administração colonial. O objetivo era fazer de Taiwan uma autêntica “colónia modelo”, contribuindo para os interesses e ambições expansionistas do Império japonês (Andrew D. Norris, 2004).

A Colonização japonesa foi totalmente transformadora para Taiwan. Houve um forte investimento na saúde pública, educação e na modernização das infraestruturas da ilha. Presenciou-se um claro progresso nas condições de vida e práticas de medicina, combatendo doenças graves como a malária.

Foram construídos caminhos de ferro para garantir uma transportação mais rápida de pessoas e mercadorias, promovendo uma maior conectividade e comunicação entre as várias partes da ilha.

Introduziram-se sistemas de saneamento, água corrente e linhas telefónicas. Estabeleceram-se também escolas modernas.

Taiwan com os avanços que teve neste período, tornou-se mais desenvolvido e com melhores condições de vida do que a própria China.

No entanto, apesar do progresso “modelo”, a Colonização japonesa também foi marcada por um forte controlo e repressão. A perseguição e o brutal silenciamento de opositores (Ming-sho Ho, 2022)

Forças japonesas expandiram o seu controlo colonial aos territórios montanhosos a leste, historicamente controlados por tribos indígenas.

Línguas, costumes e tradições locais foram suprimidas e tentaram impor a sua língua e cultura japonesa, pretendendo assimilar culturalmente a população taiwanesa.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Taiwan serviu como uma posição estratégica para as diversas invasões e ocupações japonesas no sudeste asiático. Milhares de soldados

aliados foram mantidos como prisioneiros de guerra na ilha. E mais de 200 mil soldados taiwaneses serviram nas forças imperiais japonesas.

2.4 Reentrada na China

Com a derrota e a rendição do Japão em 1945, terminando com 6 anos de Guerra Mundial, Taiwan voltou a estar sob o controlo da China. Contudo, o Japão formalmente apenas renunciou a sua Soberania sob a ilha no Tratado de São Francisco – assinado em 1951 e entrou em vigor a 28 de abril do ano seguinte.

A China que Taiwan reentregou era totalmente diferente da China Imperial do final do século XIX.

Após um longo declínio de perda de autoridade, rebeliões, instabilidade interna e humilhações perante Potências externas, a Dinastia Qing é alvo de uma forte rebelião em 1911 e em 1912, com o decreto da abdicação imperial, o seu controlo sob a China termina. Foi a última Dinastia da história chinesa.

No início do mesmo ano é estabelecida a República da China (Government of Taiwan, 2025).

A partir de 1916 a China ficou dividida em entre várias fações militares que controlavam partes do país. Entre 1926 e 1928, Chiang Kai-Shek – líder do partido nacionalista Kuomintang – conseguiu reunificar o país sob um Governo Nacionalista.

Kai-Shek promoveu uma brutal e violenta perseguição, com “purgas” contra o Partido Comunista Chinês (PCC), seus membros e apoiantes. Um evento central que demonstra este nível de perseguição política ocorreu em 1927, onde sob as ordens de Kai-Shek, milhares de membros do PCC, socialistas e outras pessoas de esquerda foram mortas ou detidas em Xangai, numa purga conhecida por massacre de Xangai (Andrew D. Norris, 2004). Toda a crescente tensão, repressão e ambiente de forte hostilidade desencadeou a Guerra Civil chinesa entre o PCC e o Governo Nacionalista.

Durante a Guerra contra o Japão, iniciada pela invasão japonesa à China em 1937 e prolongou-se até ao fim da 2ª Guerra Mundial em 1945, a Guerra civil, frente a uma ameaça direta, entrou num hiato – ainda que confrontos entre as duas partes continuassem a ocorrer. Após o término do conflito com o Japão, com um PCC

notoriamente mais fortalecido, liderado por Mao Tsé-Tung, a Guerra Civil foi retomada. As forças comunistas progressivamente derrotaram os Nacionalistas de Kai-Shek, ganhando controlo da China Continental em 1949, proclamando a República Popular da China.

Kai-Shek, em reação à derrota, ordenou a retirada do seu Governo para Taiwan. Num grande êxodo, entre figuras do Governo, soldados e refugiados, mais de 1 milhão de pessoas refugiaram-se na ilha (Ming-sho Ho, 2022).

3. Governação Nacionalista até à Transição Democrática de Taiwan

3.1 Reações da população taiwanesa e Lei Marcial

Mesmo antes do exílio do Governo Nacionalista, em 1947 foi declarado um estado de Lei Marcial na ilha. Em resposta a uma revolta anti governo que se alastrou por grande parte da ilha, que foi brutalmente suprimida pelas forças Nacionalistas, matando milhares de pessoas – ficando conhecido por o incidente/massacre de 28 de fevereiro (Ming-sho Ho, 2022).

O ambiente de forte contestação e de implacável repressão que se vivia em Taiwan nos anos pós retorno à China o descontentamento e oposição quanto à Governação Nacionalista.

Em 1949 (ano da retirada do Regime), outro período de Lei Marcial foi declarado que se alastrou até 1987 (38 anos de constante imposição da Lei Marcial).

3.2 Disputa pela Legitimidade da China

Kai-Shek inicialmente acreditava que o seu exílio em Taiwan seria temporário, até ter as condições necessárias para recapturar a China Continental – objetivo que nunca se materializou durante todo o seu período de governação sob Taiwan e depois dele.

Nas primeiras décadas de controlo comunista da China Continental de Governo deposto da República da China se ter exilado em Taiwan, houve uma disputa pelo Governo que tinha legitimidade para representar o Povo Chinês. Até 1971, o Governo exilado da República da China obteve esse estatuto na ONU – com o privilégio do direito de veto no Conselho de Segurança. Em 1971, depois de várias tentativas chumbadas, a AGNU aprova uma resolução reconhecendo a República Popular da China como a legítima representante da China na ONU – retirando esse estatuto ao Governo de Kai-Shek (United Nations, 1971).

3.3 Direta Governação Nacionalista sob Taiwan

Kai-Shek durante a sua governação estabeleceu em Governo autoritário em Taiwan. Marcado pela longa Lei Marcial e pela repressão política, censura controlo e perseguição de opositores, ou potenciais opositores, particularmente pessoas com ligações a ideais comunistas. Este período é designado por Terror Branco, e permaneceu mesmo após o falecimento de Kai-Shek.

A língua falada pela maioria da população de Taiwan é o hokkien taiwanês, que apesar de fazer parte do grupo de línguas chinesas, é distinto da língua dominante da China Continental, o mandarim.

Kai-Shek impôs o mandarim como língua oficial de Taiwan logo em 1945. Tornou o ensino da língua obrigatório nas escolas (Ming-sho Ho, 2022).

Durante a Governação nacionalista do partido Kuomintang sob a Ilha, houve a imposição daquilo que o Regime via como a “cultura chinesa”, em Taiwan. Tentando mudar e culturalmente incorporar a população taiwanesa nessa visão. Incluindo as comunidades indígenas que tiveram as suas identidades históricas postas em causa para se tornarem chineses Han como a maioria da sociedade (Ming-sho Ho, 2022).

A nível económico, foi realizada uma profunda reforma agrária que resultou no aumento da produção agrícola de Taiwan.

Presenciou-se também um processo de rápida industrialização e modernização económica com elevadas exportações. Durante a segunda metade do século XX, Taiwan teve elevados níveis de crescimento e desenvolvimento económico – o “Milagre de Taiwan”.

A sua prestação económica e industrialização eram comparadas com Hong Kong, Singapura e a Coreia do Sul. Juntos, estas quatro economias são chamadas por os “Quatro Tigres Asiáticos” (Andrew Bloomenthal, 2023).

Socialmente, apesar do controlo do Regime sob o Sistema de educação, a população taiwanesa tinha níveis mais elevados de alfabetização e acesso à educação do que a população da China Continental do PCC (Associació Catalana d'Universitats Públiques,

2021). Esta vantagem de literacia na sociedade taiwanesa foi fundamental para que mesmo com a opressão e de forma, muito vezes contida, se pudessem disseminar ideais e valores democráticos, questionando e opondo-se ao autoritarismo e repressão do Governo Nacionalista.

Em 1975, Kai-Shek faleceu deixando um legado controverso e polarizador, que até aos dias de hoje é discutido em Taiwan.

3.4 Abertura do Regime

O filho de Kai-Shek, Chiang Ching-Kuo, sucedeu-lhe no imediato na liderança do partido e foi eleito em 1978 Presidente pela Assembleia Nacional – onde grande parte dos seus membros continuavam a “representar” territórios da China Continental reivindicados pelo Regime, com os seus mandatos a serem estendidos até que uma reeleição “fosse possível”.

Ching-Kuo, liderou um processo de abertura e de verdadeira liberalização do Regime autoritário, construído por seu pai.

Compreendeu o desejo de mudança crescente na sociedade taiwanesa após décadas de Lei Marcial e de repressão.

A nível internacional, para além de, como já mencionado, República da China – retirada em Taiwan – ter deixado de ser reconhecida como a legítima representante da China na ONU. No início de 1979, os Estados-Unidos oficialmente reconheceram também a República Popular da China do PCC – depois de anos de uma política de aproximação das suas relações – deixando de reconhecer a legitimidade da República da China. Isolando e debilitando ainda mais um Regime que estava enfraquecido.

E a tendência global era de democratização, gerando ainda mais pressão e críticas internacionais sobre regimes ditatoriais.

Para Ching-Kuo a fim de garantir a autonomia e estabilidade de Taiwan, preservando o poder do partido, numa conjuntura em perceptível transformação o Regime necessitava de ser reformado.

Ching-Kuo permitiu que algumas figuras taiwanesas chegassem a posições de maior responsabilidade dentro do partido. Escolheu em 1984 Lee Teng-hui – nascido em

Taiwan – para ser seu vice-presidente. Pretendendo demonstrar uma abertura do partido e do regime ao Povo e à sociedade taiwanesa.

Declarou que o seu sucessor não seria uma pessoa da sua família, reforçando a ideia de mudança. Progressivamente atenuou as formas de controlo e repressão permitindo uma maior liberdade política. Em 1986, tentando aproveitar a abertura do Regime, violando a lei que proibia outros partidos políticos de oposição, é criado o Partido Democrático Progressista. Ching-Kuo decidiu não proibir o partido, contrariamente ao que a lei estipulava. E seus candidatos participaram como independentes nas eleições legislativas desse ano.

Em 1987 terminou com a longa Lei Marcial. Uma demonstração clara das enormes transformações políticas e do processo de total reforma que o Regime sob a sua liderança, atravessou (Ming-sho Ho, 2022).

Ainda em 1987, levantou a proibição de viagens para a China Continental, abrindo mais Taiwan ao resto do mundo e pretendendo dar um passo para apaziguar tensões com a República Popular da China.

Em 1988, aos 77 anos, Ching-Kuo faleceu. Deixando um legado marcante. Assumiu a liderança de um Regime autoritário debilitado, internacionalmente cada vez mais isolado e excluído, preso a reivindicações históricas de uma Guerra civil perdida e a ser alvo de uma crescente pressão doméstica e externa para se democratizar. Liderou uma fase de estruturais transformações que abriram o Regime, diminuíram a repressão e o controlo e criaram as condições para que Taiwan pudesse fazer uma bem-sucedida transição democrática.

3.5 Transição para a Democracia

Ching-Kuo foi sucedido pelo seu vice-presidente, Lee Teng-hui. O primeiro Presidente de Taiwan nascido na ilha.

Que intensificou o processo de reforma e liberalização do Regime, concluindo a sua transição para a Democracia (Andrew D. Norris, 2004).

Os últimos anos também tinham sido marcados por notórias mudanças sociais e por uma abertura económica na China. Foram implementadas políticas que promoveram

uma transição para uma forma de economia de mercado com um elevado nível de influência e controlo do Estado – Capitalismo de Estado.

Com um ambiente de mudança e aparente abertura, depois da morte de Hu-Yaobang, antigo secretário-geral do PCC e líder com uma visão reformista para o sistema político e económico do país. Centenas de milhares de pessoas, particularmente estudantes, manifestaram-se de forma pacífica na Praça da Paz Celestial em 1989, contra o autoritarismo e a corrupção do Regime. Defendendo a Liberdade e pedindo uma transição para um Sistema Democrático. O Regime chinês perante tamanhas demonstrações foi implacável. Forças chinesas brutalmente massacraram os manifestantes, matando um grande número de pessoas que até à atualidade não é completamente conhecido (BBC, 2021).

No ano seguinte, em 1990, seria Taiwan, outra autocracia que estava a atravessar um processo de abertura que iria presenciar uma grande manifestação estudantil.

Em março, durante seis dias, incluindo na inauguração um mandato de seis anos de Lee Teng-hui. Vários milhares de estudantes demonstraram-se a favor da eleição direta pelo Povo do Presidente, vice-presidente e de representantes da Assembleia Nacional.

No fundo, manifestavam-se, sentido o ambiente de reforma, para que se fizesse uma transição para uma Democracia completa em Taiwan.

Ao contrário do que tinha acontecido em Pequim no ano anterior. Estes estudantes não foram violentamente suprimidos. O Presidente Lee recebeu representantes dos estudantes, conversou diretamente com eles, concordou com as suas reivindicações e prometeu iniciar o processo de completa democratização de Taiwan (Weitseng Chen, 2017).

Em 1991 a República da China – Taiwan – aboliu da sua Constituição as “Medidas Temporárias Vigentes durante o Período de Rebelião Comunista”. Que estavam em vigor desde 1948 e permaneceram quando o Regime se retirou para Taiwan. Reforçavam e expandiam os poderes do Presidente, limitavam liberdades políticas, civis e sociais e foram utilizadas para justificar a repressão e controlo do Regime. Foram substituídas pelos “Artigos Adicionais da Constituição da República da China”, num passo crucial em todo o processo de reforma visando a Democracia (Government of Taiwan, 2025).

Foram realizadas eleições para a Assembleia Nacional e o Yuan legislativo, com os delegados que exerciam mandatos de décadas, a “representar” territórios da China Continental, a deixarem de exercer funções.

E em 1996 realizaram-se as eleições Presidenciais, onde depois de um longo regime autoritário, em que o Presidente era eleito por uma Assembleia dominada por um partido, os taiwaneses pela primeira vez na história elegeram diretamente de forma livre e justa o seu Presidente e vice-presidente. Consolidando e demonstrando o sucesso da sua transição democrática com vários anos de progressos, reformas e transformações.

Houve uma notória participação do Povo de Taiwan, com a participação eleitoral a ser de 76%. Lee Teng-hui – que promoveu, defendeu e concluiu todo este processo – foi reeleito com 54% dos votos. Ficando na história como o primeiro Presidente diretamente eleito pelos cidadãos de Taiwan (Andrew D. Norris, 2004).

Quatro anos depois, nas eleições presidenciais de 2000, Chen Shui-bian do Partido Democrático Progressista foi eleito Presidente. Terminando com 55 anos de governação do partido Kuomintang sob Taiwan. Possibilitando uma alternância pacífica no poder entre uma força política que tinha governado de forma autoritária por décadas e outra que tinha sido fundada, de forma ilegal, para se opor a esse regime.

A Democracia taiwanesa tem mantido uma trajetória de desenvolvimento e fortalecimento desde os seus primeiros anos. Reconhecendo a complexidade da sua história para evoluir e melhorar o seu sistema democrático.

Conclusão

Taiwan após séculos de controlo de sucessivas Potências externas, de servir como refúgio de um Regime derrotado e substituído e de passar por um longo período de repressão às mãos desse Regime, conseguiu concretizar uma pacífica transição para a Democracia. Nos dias de hoje, afirma-se como um exemplo da Democracia Liberal, estando entre os 15 primeiros países mais democráticos do mundo segundo o Democracy Index (Democracy Index, 2024).

Os taiwaneses não têm um Governo, uma visão de sociedade, um modelo cultural ou ideologias que lhes são impostas e de forma violenta como aconteceu. Mas têm um Sistema que respeita a sua pluralidade, garante um conjunto de Direitos e Liberdades a todos os cidadãos. E são os próprios cidadãos que elegem diretamente os seus representantes, que exercem o poder político em seu nome.

É o Povo de Taiwan que define as suas prioridades, a sua governação, os seus rumos e orientações.

As tensões entre a ilha e a China controlada pelo PCC, permanecem evidentes. Com a China a reivindicar total Soberania sob Taiwan.

Xi Jinping, o atual Presidente chinês, referindo-se a Taiwan tem usado com frequência uma linguagem particularmente forte. Afirmando que “ninguém pode impedir a tendência histórica” de reunificação com Taiwan (Xi Jinping, 2024). Vários exercícios militares chineses têm sido realizados em volta da ilha e persistem especulações sobre uma potencial futura invasão chinesa para totalmente ocupar Taiwan, terminando com décadas de disputa.

Economicamente, Taiwan tem uma grande importância estratégica. Entre a ilha e a China Continental está o estreito de Taiwan, uma localização crucial para o comércio mundial. Estima-se que apenas em 2022, 2,45 biliões de dólares em mercadorias passaram pelo estreito, representando 1/5 do comércio marítimo global (CSIS, 2024).

A norte, entre o Japão, está o estreito de Miyako. A sul, entre as Filipinas, situa-se o estreito de Lução. Para além da sua importância comercial, também servem como autênticas entradas da China no Oceano Pacífico.

A economia global está a atravessar por uma fase de transição e revolução tecnológica. Os diversos Estados, em particular os mais influentes, pretendem se adaptar da forma mais eficiente possível a esta transição, tendo acesso a novas disponibilidades e tecnologias que promovam uma maior produtividade e competitividade das suas economias.

Numa realidade económica uma mudança, presenciamos ao mesmo tempo, um ambiente de disputa e até de tensão entre Grandes Potências para liderarem esse processo e não ficarem atrasados em relação a outras.

Recursos fundamentais em toda esta transição, pretendidos pelas principais e mais sofisticadas economias são os semicondutores e os chips. Utilizados para a criação e funcionamento de diversos dispositivos eletrónicos.

O nosso modo de vida moderno, setores económicos inteiros, a defesa e segurança nacionais dependem do acesso a esses recursos.

Taiwan, por este fator, também acaba por desempenhar um papel essencial na revolução e disputa tecnológica.

Na ilha são produzidos mais de 60% dos semicondutores a nível mundial e cerca de 90% dos chips mais avançados (Global Taiwan Institute, 2025). O resto do mundo, incluindo Potências como os EUA ou a China, dependem desta produção.

O Sistema Internacional está em mudança, com o Indo-Pacífico a assumir uma posição cada vez mais determinante, fazendo com que os EUA canalizem mais a sua atenção para a região e na sua rivalidade de influência com a China. Pela sua história, localização estratégica e importância económico e tecnológica, Taiwan é um dos principais centros de tensão entre os EUA e a China – ainda que nenhuma das Potências reconheça o seu Governo.

A China, do PCC vê Taiwan e o seu Governo em concreto como a continuidade do Regime que derrotou em 1949. Que após uma longa fase, conseguiu se tornar numa

Democracia. Para o PCC a ilha é uma Província desertora que tem de ser reunificada com o resto do país e estar sob o seu direto controlo. A posição geográfica e a relevância económica de Taiwan são vistas como importantes para a projeção de poder e influência da China.

Os EUA por seu lado, vêm em Taiwan uma Democracia fundamental para garantir os seus interesses e segurança económica, manter a sua influência na região e combater a crescente influência da China, que considera o seu maior rival estratégico.

Simultaneamente, adotam uma política de ambiguidade estratégica sobre Taiwan, não pretendendo declarar se irão interferir no caso de uma guerra entre China e Taiwan. Pretendendo através desta dúvida, dissuadir a China de lançar uma invasão contra a ilha e prevenir Taiwan de declarar a sua independência. No entanto as relações entre ambos, ainda que não oficiais, são bastante próximas e robustas (Council on Foreign Relations, 2022).

Entre ameaças, incertezas e ceticismos sobre o futuro. E estando no centro de uma disputa por influência entre as duas mais poderosas Potências do Mundo. É necessário recordarmos toda de controlo externo história de Taiwan e a notória Democracia que os taiwaneses construíram. O Povo taiwanês conseguiu fazer ouvir e impor a sua voz, decidindo de forma autónoma o seu futuro. E entre pretensões, reivindicações e disputas externas que são normais na história dos últimos séculos da ilha, é importante que agora quem decida o que acontecerá com Taiwan sejam os próprios taiwaneses.

Referências bibliográficas

- Ho, M.-S. (2022). Desinicizing Taiwan: The making of a democratic national identity. *Current History*, 121(836), 211–217. <https://doi.org/10.1525/curh.2022.121.836.211>
- Chang, B. L. (2019). 'Taiwan' versus 'China': A terminological battleground in the news media. *China Information*, 33(3), 278–301. <https://doi.org/10.1177/0920203X19875096>
- Ch'iu, C.-I. (2004). *The epidemics in Ming Beijing and the responses from the empire's public health system*. *Bulletin of the Institute of History and Philology, Academia Sinica*, 75(2), 331–388.
- CFI Team. (s.d.). *Four Asian Tigers: What they are, economic strengths explained*. Investopedia. <https://www.investopedia.com/terms/f/four-asian-tigers.asp>
- OF Taiwan. (s.d.). *Wild Lily Student Movement: The largest student movement in Taiwanese history*. OF Taiwan. <https://oftaiwan.org/social-movements/wild-lily-student-movement/>
- Roy, D. (2017). *The “China model” and the global crisis: From Friedrich List to a Chinese mode of governance?* SSRN. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3054025>
- Council on Foreign Relations Education. (2022, 8 de junho). *Strategic ambiguity toward Taiwan: The largest student simulation of U.S. policy toward Taiwan*. Council on Foreign Relations Education. <https://education.cfr.org/teach/mini-simulation/strategic-ambiguity-toward-taiwan>
- Taiwan Government. (s.d.). *HISTORY – Taiwan's recorded history and development (400 years)*. Taiwan Government. https://www.taiwan.gov.tw/content_3.php
- Financial Times. (2025, 7 de abril). *The Makassar Strait is a sign that global rules are being rewritten*. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/63b09a5c-6f88-4092-9d49-f0413232cced>
- BBC News. (2019, 29 de maio). *Hong Kong protests: What's behind the unrest in Asia's world city?* BBC News. <https://www.bbc.com/news/world-asia-48445934>
- Lo, W. Y. W. (2014). Taiwan's higher education system in context. In *University rankings* (Cap. 2, pp. 15–24). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-4560-35-1_2
- United Nations General Assembly. (1971, 25 de outubro). *Resolution 2758 (XXVI): Restoration of the lawful rights of the People's Republic of China in the United Nations* (A/RES/2758 (XXVI)). United Nations. <https://digitallibrary.un.org/record/192054?v=pdf>

Zelin, M. (2005). *The grandeur of the Qing state*. In *Recording the grandeur of the Qing: The Southern Inspection Tour scrolls of the Kangxi and Qianlong emperors*. Asia for Educators, Columbia University. <http://afe.easia.columbia.edu>

Ramerini, M. (s.d.). *The Dutch in Formosa 1624–1662, 1664–1668*. *Colonial Voyage*. <https://www.colonialvoyage.com/dutch-formosa-1624-1662-1664-1668/>

Ch'iu, C.-L. (2004). *The epidemics in Ming Beijing and the responses from the empire's public health system*. *Bulletin of the Institute of History and Philology, Academia Sinica*, 75(2), 331–388. <https://www1.ihp.sinica.edu.tw/en/Publications/Bulletin/78/Article/281>

Koo, H. (2015). *Weather, harvests, and taxes: A Chinese revolt in Dutch colonial Taiwan*. *Journal of Interdisciplinary History*, 46(1), 39–71. https://doi.org/10.1162/jinh_a_00795

Reuters. (2024, 31 de dezembro). *Xi diz que ninguém pode impedir a “reunificação histórica” da China com Taiwan*. Reuters. <https://www.reuters.com/world/china/xi-says-no-one-can-stop-chinas-reunification-with-taiwan-2024-12-31/>